

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA.
ESPECIALIZAÇÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O ENSINO
MÉDIO**

JEAN PAUL SARTRE E A LIBERDADE: Uma perspectiva didática.

Curitiba/2015

TERESINHA DA PENHA MOISES

JEAN PAUL SARTRE E A LIBERDADE: Uma perspectiva didática.

Monografia apresentada á coordenação do curso de Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio departamento de pós-graduação em Filosofia núcleo de educação à distância. Como parte dos quesitos para obtenção do título de especialista.

Orientação: Felipe Miranda

Curitiba/2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente

Às minhas filhas, Ana Carolina, Gracielle Karenina, Izabella Cristina. Por todo apoio, carinho e cuidado que foram me ofertado durante toda a realização do trabalho que me deram forças para prosseguir até o final desta jornada.

e

Ao meu velho e sábio pai Pedro Moises que se privou de minha companhia durante o período de estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Instituição de Ensino Universidade Federal do Paraná (UFPR) ao departamento de Pós-Graduação em Filosofia e ao Núcleo de ensino à distância (NEAD).

Agradeço aos professores, coordenadores e tutores do NEAD - UFPR que participaram direta ou indiretamente deste curso de especialização. Especialmente ao Prof. Daniel Laskowski Tozzinie e Profº Felipe Miranda por toda atenção e delicadeza dedicada a nós alunas e alunos durante e após o período do curso.

Agradeço às minhas amadas e cuidadosas filhas por toda contribuição e participação, com as quais me agraciaram durante a realização dos estudos. Sendo de fundamental importância a colaboração de todas para a realização deste trabalho.

Agradeço a DEUS por ter me amparado e dado forças nas horas de desânimo e fadiga.

RESUMO

A liberdade é um tema fundamental intrínseco á condição humana. Os seres humanos estão condenados á esta condição, não podendo escapar dela, a liberdade pesa-lhes como um fardo sobre sua existência. Condenado a tecer a partir da escolha seu próprio arcabouço morai. Escolhe para si mesmo e concomitantemente para toda a humanidade não havendo nada que lhes possa dar amparo. A única certeza que terá é a de viver e conviver com todos os outros humanos, respeitando o diferente e se responsabilizando por suas próprias escolhas. Deste modo, Sartre faz uma reflexão profunda sobre a liberdade humana, desde sua condição de existência até suas consequências diretas sobre a vida do indivíduo. Assim liberdade-responsabilidade são conceitos indissociáveis em Sartre. Justificando inserir o tema a uma proposta didática pedagógica, qual seja a leitura, interpretação e análise pelos alunos do Ensino Médio. Para que possam de posse de tais conceitos refletir sobre valores como liberdade e responsabilidade para embasar sua construção moral. Pretendo oportunizar ainda aos alunos a reflexão sobre o sujeito livre em uma sociedade moderna, dinâmica e em constante transformação cultural, social e econômica. Em síntese, procuro demonstrar que a liberdade humana é um aspecto constitucional da existência de cada indivíduo, estigmatizados por uma liberdade fundante que compromete o humano durante todo seu existir e por essa razão é chamado a assumir com responsabilidade as consequências de todas as escolhas e ações, não podendo delegar ou atribuir a responsabilidades a outros ou a forças misteriosas, é responsáveis pelo que ser e por tudo o que fez dele mesmo.

Palavras Chaves: liberdade, moral, responsabilidade, limite, a existência precede a essência.

ABSTRACT

Freedom is a fundamental subject peculiar to human conditions. Humans are damned to this condition, it is not possible to outbreak from this, freedom is heavy to them as a burden about their existence.

Condenado a tecer a partir da escolha seu próprio arcabouço moral, escolhe para si mesmo e concomitantemente para toda a humanidade não havendo nada que possa lhe dar amparo, a única certeza que terá é a de viver e conviver com todos os outros humanos, respeitando o diferente e se responsabilizando por suas próprias escolhas.

Sentenced to knit from choosing their own moral grounding, embrace for yourself and simultaneously for all humanity there being nothing that can give support, the only certain that will have is to live and get along with all other humans, respecting the differences and taking responsibility for their own choices. Hence, Sartre does a deep reflection about human freedom, from their conditions of existence to their direct consequences about the individual's life. Therefore freedom-responsibility, are inseparable concepts in Sartre, justifying infer it on a didactic/pedagogical proposal, what is the interpretation reading and analysis by teenagers of high school so that they can in possession of such knowledge reflect on their daily practice and the importance of them for their " moral construct ."

Reflect further on the free subject in a society that place the liberty as a core value, think about to do human, in their relationship, therefore, in the encounter of other, in the possibility to respect or not the freedom of other.

In brief, it aims demonstrating that human freedom is a constitutional aspect of existence of each individual, stigmatized by a foundational freedom that undermines human throughout its existence, and for this reason is called to assume responsibility with the consequences of all the choices and actions, may not delegate or assign responsibilities to others or mysterious forces, they are responsible for what is and everything that made themselves.

Keywords: Freedom, responsibility, moral, limit, the existence precedes the essence.

EPIGRAFE

“Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.”

Cecília Meireles

SUMÁRIO

RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
INTRODUÇÃO.....	14
Capítulo I. Breve histórico sartriano.....	16
conflito existencial diante das atrocidades da guerra.....	19
Capítulo II. Sartre, crítica e defesa do existencialismo: em sala de aula.....	23
Capítulo III. A moral e os ditames sociais: um entrave para a liberdade.....	28
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendo delinear e interpretar o conceito de liberdade em Jean Paul Sartre conceitos exposto no texto da Conferência *O existencialismo é um Humanismo* proferida por ele com a finalidade de defender-se das críticas dos marxistas e da Igreja Católica. De aplicação e uso dentro do contexto escolar. Ao mesmo tempo empreendo uma busca pelo conceito de “liberdade” a partir da ótica do aluno sob a perspectiva de ser a liberdade incondicional a condição humana enquanto escolha, da criação da moral e da sobrepujança do sentimento de angústia frente às escolhas.

O presente trabalho faz num primeiro momento uma descrição da história da vida de Jean Paul Sartre. Há uma farta e ampla biografia sobre ele. Entretanto, priorizo alguns aspectos mais relevantes para a direção deste trabalho. Começo então pela Primeira Guerra Mundial, pelos motivos que influenciaram os escritos do autor. O mundo estava em choque diante da derrocada do homem (pelo homem). Isso se traduzia em profundas crises políticas, econômicas e de identidade que assolavam o mundo. Segundo Sartre, “a consciência da liberdade e da conseqüente responsabilidade pelas conseqüências de suas ações faz nascer no homem o sentimento de angústia”. (SARTRE, 1973, p.11-12). É dentro deste contexto que se inicia uma reflexão sobre a identidade humana, especialmente a partir dos sentimentos de melancolia e de angústia que aniquilavam a humanidade.

As conseqüências das duas grandes guerras desestabilizaram a crença nos ideais humanitários e na ideia do seu progresso linear e definitivo. Diante da má-fé, da perversidade e do uso demasiado dos recursos da ciência e da tecnologia, o ser humano contemporâneo encontra-se só, no vazio, perplexo e angustiado, desta reflexão surgem perguntas fundamentais: Quem é esse ser humano? Qual o valor da existência humana? “O que é afinal a Liberdade Humana”? No decorrer da monografia procurarei responde-las.

No terceiro capítulo apresentarei atividades para auxiliar os alunos a apreenderem os conceitos de Sartre, ou seja, instrumentos que facilitem a interpretação e compreensão dos conceitos de liberdade, moral como criação, responsabilidade e o famoso “condenado a ser livre”. Trata-se de algumas metodologias e abordagens de

apropriação dos conhecimentos e elaboração de conceitos. Abordagem do autor Sartre e mais precisamente dos conceitos tratados na conferência, tenciono por meio deles aguçar a percepção do aluno quanto ao tema Liberdade, à luz do existencialismo sartriano, cujo objetivo é o de estimular o entendimento e a compreensão do discente diante do texto filosófico: *O existencialismo é um Humanismo*.

O existencialismo sartriano funda-se na conferência *O existencialismo é um Humanismo* em que postula a seguinte convicção filosófica: “a existência precede a essência”. Isto significa que é na liberdade humana que o indivíduo constrói a própria essência e determina a direção de sua existência. A partir desta máxima existencialista buscarei elucidar a Liberdade enquanto escolha existencial e a moral como criação humana. Como uma tentativa de apresentar ao aluno o conceito de Liberdade, parto de seu grau de autonomia para a realização do anseio de Liberdade. Diante dos obstáculos e limites que impedem o aluno de realizá-la, devido a entraves de convenções sociais e de ditames morais, o anseio de Liberdade reverte-se em angústias, incertezas e medo. Tais sofrimentos advêm do leque de escolhas, sobrecarregado de emoção e de responsabilidade. A escolha exige e sobrepuja os desejos que sufocados por esta carga emocional manifestam-se em forma de angústia. Na obra *O existencialismo é um Humanismo*, Jean-Paul Sartre afirma:

O homem é, não apenas como ele se concebe, mas como ele quer que seja como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é mais o que ele faz (SARTRE, apud-MEIER,2014,p.[301]).

Embasando-se nessa imprevisibilidade que decorre da Liberdade, não há mais espaço para se pensar em destino prévio para a existência humana. Sob o estigma da impulsividade e da paixão que costumam assolar os indivíduos, os homens são influenciados profundamente na projeção de sua vida e são marcados inevitavelmente por suas escolhas. Por isso, *O existencialismo é um Humanismo* critica as formas idealistas de conceber a vida. Nessa crítica, a reflexão de Sartre assume-se como um existencialismo ateu. Segundo o qual o homem não foi planejado por alguém para uma finalidade. Assim, existir é incerto, impreciso.

CAPÍTULO I

Breve Histórico Sartriano.

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris dia 21 de junho de 1905. Filho único, não chegou a conhecer o pai, que morreu em 1906, viveu a primeira infância com a mãe e os avós maternos, em Meudon, no interior da França. Nesse período, começou a ensaiar os primeiros passos na literatura. Por conta do segundo casamento de sua mãe e de conflitos com seu padrasto, teve uma adolescência difícil até sair de casa para estudar, durante os anos 20. Os anos 20 são conhecidos como *Belle Époque*. Foram anos de entusiasmo e florescimento da vida cultural. Sartre disse que foram anos felizes, em uma Europa que acabara de sair da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em 1924, segue os cursos de filosofia e psicologia na Escola Normal Superior, em Paris. Em 1929, quando se preparava para o exame de *Agregation* (que habilitava recém-formados para lecionar), Sartre conhece Simone de Beauvoir, uma mulher que teve grande representação em sua vida e o acompanhou até a morte. Sartre foi um dos maiores integrantes do pensamento existencialista na França, juntamente com Albert Camus e Simone de Beauvoir.

Sartre nunca quis uma carreira universitária e durante muitos anos ministrou aulas em liceus (escolas de segundo grau ou nível médio atual). Entretanto, nunca deixou de escrever. Concomitantemente aos seus estudos, escreveu obras filosóficas e literárias. Foi durante os anos 30 que concebeu a maior parte de seus textos. Entre 1929 e 1931, Sartre presta o serviço militar e torna-se soldado meteorologista. Escreve alguns contos e começa a trabalhar em seu primeiro romance, "*Factum sur la contingence*" (Panfleto sobre a contingência), que depois viria a se chamar "*La Nausée*" (A náusea). Publicou livros importantes na França, romances, contos e ensaios como forma de disseminar seus preceitos existencialistas: *A Náusea*, *A Imaginação*, *O Muro*, além da peça teatral *As Moscas*, no qual usou de uma lenda grega para simbolizar o domínio alemão sobre a França na segunda guerra. Com o fracasso, enveredou-se pela filosofia a fim de estudar a fenomenologia do filósofo

Husserl na Alemanha e as teorias existencialistas de Karls Jaspers e Martin Heidegger. Em 1945, ele cria e passa a dirigir junto a Maurice Merleau-Ponty a revista *Les temps Modernes* (Tempos Modernos), na qual foram tratados mensalmente temas referentes à literatura, filosofia e política. Além das contribuições para a revista, Sartre escreve neste período algumas de suas obras literárias mais importantes. Sempre encarando a literatura como meio de expressão legítima de suas crenças filosóficas e políticas. Escreveu livros e peças teatrais que trataram das escolhas que os homens tomam frente às contingências que estão sujeitos. Entre estas obras destacam-se a peça *Huis Clos* (Entre quatro paredes) (1945) e a trilogia *Les Chemins de la liberté* (Os caminhos da Liberdade) composta pelos romances *L'âge de raison* (A idade da razão) (1945), *Le Sursis* (Sursis) (1947) e *Le mort dans l'âme* (Com a morte na alma) (1949). No período mais profícuo de sua carreira escreve ainda várias peças de teatro e ensaios.

Considerado por muitos o símbolo do intelectual engajado, Sartre adaptava sempre sua ação às suas ideias, e o fazia sempre como ato político. Na década de 1950, assume uma postura política mais atuante e abraça o comunismo. Era filiado ao Partido Comunista francês e apoiou a invasão comunista na Hungria feita pelo ditador soviético Stálin, no que foi criticado posteriormente por intelectuais liberais. Segundo eles tratava-se de uma atitude contraditória aos ideais de liberdade que o filósofo pregava. Sartre torna-se ativista político e posiciona-se publicamente em defesa da libertação da Argélia do colonialismo francês. A aproximação do marxismo inaugura a segunda parte da sua carreira filosófica, na qual tenta conciliar as ideias existencialistas de autodeterminação aos princípios marxistas. Por exemplo, a ideia de que as forças socioeconômicas, que estão acima do nosso controle individual, têm o poder de modelar as nossas vidas.

Sartre escreve então sua segunda obra filosófica de grande porte, *La Critique de la raison dialectique* (A crítica da razão dialética) (1960), em que defende os valores humanos presentes no marxismo e apresenta uma versão alterada do existencialismo que julgava resolver as contradições entre as duas escolas. É incontestável a versatilidade de Sartre com respeito aos seus escritos literários (entre peças teatrais, contos e romances). Em 1937, Sartre publica o conto *O muro* seguido do romance *A náusea*, em 1938, bem recebido pela crítica. No mesmo ano, escreve dois

contos, que em 1939 foram reunidos em um só volume sob o título *O muro*. Em 1943, escreve sua primeira peça de teatro, *A mosca* foi encenada nesse mesmo ano, ela possui cunho político, faz alusão mais precisamente à invasão alemã. A encenação dessa peça causou algum alvoroço e uma campanha na imprensa pela sua retirada de cartaz. Por tratar da ocupação nazista, mexeu com os ânimos e o humor daqueles que colaboravam com os alemães. Outra peça publicada em 1944 entra em cartaz, *Huis Clos* (que significa, mais ou menos, “portas fechadas”, “sem saída”). Obteve maior sucesso que a anterior. Sua montagem e exibição aconteceu na França e em outros países da Europa, além dos Estados Unidos onde ganhou o prêmio de melhor peça estrangeira do ano. Foi montada no Brasil em 1950, com o nome *Entre quatro paredes*. Em 1963 Sartre escreve *Les Mots* (As palavras, lançado em 1964), foi um relato autobiográfico, sua despedida da literatura.

A sua produção intelectual foi rica e vasta e após dezenas de obras literárias, ele conclui que a literatura funcionava como um substituto para o seu real comprometimento com o mundo. Seu principal trabalho filosófico foi *O Ser e o Nada*, publicado em 1946. Ele tenta caracterizar as estruturas fundamentais da existência humana, descrevendo o choque entre a consciência e o mundo objetivo de forma a destacar a característica que definia o ser humano, sua Liberdade.

Sartre foi homenageado com o Prêmio Nobel de Literatura, mas se recusou a recebê-lo. Em 1964, a Academia Sueca agraciou-o com o Nobel de Literatura. Mais uma vez ele recusa, pois "nenhum escritor pode ser transformado em instituição" (MOUTINHO 1995, p.19). O caso se tornou um escândalo que obviamente poderia ter sido evitado pela Academia Sueca. Foi de conhecimento público que Sartre teria descoberto antecipadamente seu nome entre os indicados. Por isso enviou uma carta a Academia avisando que recusaria o prêmio caso fosse o escolhido para recebê-lo. Entretanto, a carta só chegou à mão dos Acadêmicos responsáveis pela escolha do vencedor do prêmio dias depois de Sartre ter sido escolhido para recebê-lo.

Sartre morre em 15 de abril de 1980 no Hospital *Brossais* (em Paris). Seu funeral foi acompanhado por mais de 50 mil pessoas. Está enterrado no Cemitério de *Montparnasse* em Paris. No mesmo túmulo jaz Simone de Beauvoir.

O conflito existencial diante das atrocidades humanas

Notadamente, Sartre era mais dramaturgo e romancista que filósofo. Mas chegou ao apogeu da carreira com sua obra filosófica *O Ser e o Nada*, publicado em 1943, foi notória mais por provocar embaraço ao leitor da época a ser filosófica no sentido restrito. Sartre estudou as obras de Kierkegaard, Levou em consideração a vasta influência da filosofia da existência de Martin Heidegger (1889-1976), que se ocupava prioritariamente com o problema do sentido da existência humana. A partir desses estudos, Sartre elaborou sua própria ideia do existencialismo. Doravante Jean-Paul Sartre compôs junto a Martin Heidegger o rol dos principais representantes da corrente filosófica visa buscar pelo entendimento do que seria esse “humano”.

Após a Segunda Grande Guerra Mundial, o cenário político e econômico tornou-se desolador, e a Europa do século XX encontrava-se mergulhada em incertezas e torpor. A humanidade atormentada com os horrores dessa guerra estava incrédula e impotente diante do ser humano que agora se apresentava tosco e imbecilizado pela selvageria nela cometida. Milhões de pessoas foram mortas e outras tantas feridas. Os europeus estavam chocados, pois todos de uma forma ou outra tiveram prejuízos e perdas irreparáveis na guerra.

Ao final da Segunda Guerra, em 1945, há uma necessidade premente de unir esforços para a reconstrução da Europa. Não é de se estranhar a ocorrência de uma geração, que acabara de conhecer os horrores da guerra, naturalmente pessimista. Era portanto, imperativo e urgente uma reflexão sobre a condição humana. Nesse contexto, Sartre deu sequência aos estudos existencialistas que já circundavam os trabalhos dele. A tônica de seu discurso existencialista foi a reflexão e investigação da condição humana. Seu interesse é o ser humano. Sartre dedicou-se a compreender (ou explicar) o ser humano naquele cenário devastador e desencantador. Na tentativa de juntar os pedaços para reconstruir um ideal de humanidade. Após a Segunda Guerra Mundial, essas reflexões sobre o existencialismo tornaram-se prioritárias, ganharam corpo nas reflexões filosófica e psicológica na Europa.

Emerge desse cenário caótico do mundo pós-guerra a moda existencialista entre os jovens das décadas de 40 e 50. Entretanto, o que significava mesmo ser existencialista?

Para Moutinho (1995, p.11) declarar-se existencialista era por certo uma atitude, “corajosa”, uma provocação, rebeldia, indisciplina ou talvez até um escândalo. Por vezes na academia ouvimos que “Sartre escandalizou a Europa” ou que “os existencialistas não se regulavam pelas normas morais”. Sartre costumava satirizar isso. Dizia que certa vez uma senhora, tendo deixado escapar, por nervosismo uma palavra vulgar, desculpou-se e disse: “Acho que estou ficando existencialista”. O existencialismo foi adotado principalmente pelos jovens. Foi um marco na diferença entre gerações. A mídia associava o existencialismo aos movimentos de transformações sociais muito comentados e historicamente conhecidos como dosadores de tendência e comportamento.

Dessa vertente existencialista, destaco alguns movimentos de expressão como o *beat* nos anos 50, movimento literário originado por um grupo de jovens intelectuais, que cansados do modelo de ordem estabelecido nos EUA após a Segunda Guerra Mundial, desenvolveram outras formas de arte. Já o movimento *hippie* dos anos 60 foi um comportamento coletivo de contracultura mais forte. No Brasil, temos um exemplar de imagem dessa rebeldia de espírito na famosa marchinha de carnaval dos anos 50 de Alberto Ribeiro e João de Barro, Chiquita Bacana, que diz: “existencialista (com toda razão!) só faz o que manda o seu coração”.

O termo existencialista era empregado de diversas maneiras. Filósofo, ator, músico ou escritor, todos esses por vezes ou declaravam-se ou eram considerados existencialistas. O próprio Sartre em *O existencialismo é um Humanismo* afirmou que “um cronista de *Clartés* assinava o Existencialista”. Segundo Moutinho.

O uso indiscriminado do termo estava assim associado, no imaginário da época, a uma atitude libertária, rebelde, mas também individualista, solitária, quase desesperançada. (MOUTINHO 1995 p, 12).

O existencialismo sartriano foi criticado, ironizado, mas sobressaiu-se entre polêmicas e muito debate. Em uma tentativa de Sartre de se defender das acirradas críticas que lhe eram feitas e explicar ao público leigo alguns dos conceitos dessa filosofia, afirma:

A maioria das pessoas que utilizam esse termo (existencialismo) ficaria bastante embaraçada se tivesse de justifica-lo (...). Na verdade, essa palavra assumiu atualmente uma amplitude tal e uma tal extensão que já não significa rigorosamente nada. (SARTRE apud MOUTINHO, 1995, p. 12).

Apresentam-se assim as particularidades do pensamento existencialista que não tem o objetivo de lançar moda. Todavia, esboça as singularidades do pensamento de Sartre que provavelmente tiveram a intenção de responder pela construção da essência humana, tão questionada naquele momento.

Com o acirramento contundente das críticas advindas dos marxistas e de instituições conservadoras, como a Igreja Católica, Sartre realizou, em 1945, uma conferência que se torna célebre: *O existencialismo é um Humanismo*. O texto trás uma veemente defesa do existencialismo contra acusações tecidas pelos católicos de que o existencialismo “nega a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, já que suprimindo os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, resta apenas a pura gratuidade; cada qual pode fazer o que quiser” (ibid., p. 4). Sartre por outro lado defende que o ser humano deseja ser perfeito, para isso cria um ser que possui veridicidade estética em todos os sentidos e o transforma na sua idealidade e corporeidade e a isso chamam de Deus.

O existencialismo ateu que eu represento é coerente. Ele declara que, se Deus não existe, há pelo menos um ser em quem a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que este ser é o homem, como diz Heidegger, a realidade humana (SARTRE, 1973. p.40).

Para Sartre, quando concebemos um Deus criador é como se já fôssemos pré-concebidos e pré-determinados na vontade de um gênio criador, pensado, projetado antes mesmo de nossa existência. Tal como um artesão que aspira sua criação (ou objeto) que avalia possibilidades e que formula ideias para posteriormente confecciona-la conforme projeto. Nesse caso pode-se concluir que este ser/objeto já tinha uma essência antes mesmo de existir. Pois foi pensado como já existente no imaginário do seu criador e por conta disso já lhe foi atribuída uma essência, ou seja, finalidade. No ser/homem não existe um pré-projeto que lhe definirá a essência. Ele terá que ser construído ao longo de sua existência. Destituindo esse ser/homem de qualquer traço divino. Imputa-lhe uma *mea culpa* da qual seria impossível esquivar-se.

No texto, nota-se uma desmistificação e uma dessacralização humana no existencialismo ateu de Sartre. Da negação da existência de Deus emerge a máxima

sartriana, “a existência precede a essência”. Uma atribuição da construção do humano a partir do seu lançamento no mundo como ser do nada.

Anuncia-se aí a definição de ser humano que não sendo nada e nem definível. Só poderá ser algo a partir de sua própria construção e isso está sob seu encargo, sua inteira responsabilidade. Entretanto, tal afirmação acarretou em outro questionamento que colocou em cheque novamente a condição humana. Não existindo Deus, rompem-se as barreiras morais que pressupunham a ordem social e obediência? Ao suprimir-se a existência de Deus, não estaria Sartre suprimindo também os valores morais enquanto arcabouço social? Quem então responderá pelas mazelas humanas?

Advém desta questão o posicionamento sartriano na prerrogativa da moral como criação e invenção. Em uma analogia a arte, Sartre afirma que “o que há em comum entre a arte e a moral é que nos dois casos, existe criação e invenção” (SARTRE, 1973, p. 9). Tanto a arte quanto a moral existem porque prioritariamente existe o sujeito (subjetivo). Aquele que inventa e cria que imagina e realiza. Tanto em um caso como em outro, o animal humano é capaz de conceber e realizar. Portanto, ao idealizar um projeto moral ele reproduz aquilo que o realiza enquanto humano a partir de suas escolhas. Definir-se-á sua escolha moral, sem nenhum precedente que possa dar-lhe apontamentos de uma conduta moral. Basea-se inteiramente na prerrogativa de que ao escolher, escolhe a si e a toda humanidade.

No segundo capítulo, pretendo interpretar e elucidar os conceitos sartrianos de moral como criação, condenado a ser livre e responsabilidade na concepção.

CAPÍTULO II

Sartre crítica e defesa do existencialismo: em sala de aula

Sartre enfrentou resistências e críticas contundentes aos seus escritos por parte dos marxistas. Mas de que lhe acusavam os marxistas? Para responder essa interrogativa, é de suma importância considerar algumas vertentes políticas em Sartre. Analisar e interpretar algumas de suas convicções e influências que o marxismo teve sobre sua filosofia. Parte considerável da obra filosófica de Sartre foi escrita sob a influência do marxismo. É público e relevante que Sartre, na década de 50, engajou-se na política e procurou incorporá-la à teoria, ao método e aos temas de sua filosofia. É importante destacar que entre os conceitos mais usualmente difundidos do marxismo estão o materialismo histórico e dialético, a luta de classes e o proletariado como sujeito. O marxismo como se sabe é um nome genérico para a herança teórica de Karl Marx (filósofo, alemão do século XIX) e por que não dizer economista e sociólogo.

À princípio, marxismo e existencialismo parecem inconciliáveis. Uma vez que o marxismo prioriza sujeitos coletivos, como burguesia e proletariado, na perspectiva das razões históricas de suas ações. Enquanto o existencialismo detém-se sobre a subjetividade humana. Diante desse dilema o conceito sartriano de Liberdade, soa como um escândalo a um marxista. Essa Liberdade a ele não faz sentido (reduz-se a nada). Entretanto, com um breve olhar sobre as teorias, pode-se ponderar que a Liberdade marxista está no âmbito das relações entre os homens, mais precisamente, das relações destituídas de qualquer tipo de dominação. Enquanto para Sartre, a Liberdade baseia-se na estrutura da consciência e é da ordem do querer e não do fazer (da ação). Cria-se aí um impasse entre a filosofia existencialista de Sartre e seu posicionamento político, que ele mesmo considera e retrata na conferência. Assim tece sua defesa, reafirma sua convicção filosófica nas escolhas subjetivas, na construção do indivíduo e na superação do humanismo individualista.

Contudo, apesar das dificuldades em contentar os marxistas, Sartre fez sua parte na aproximação, por ocasião, no escrito da obra *Crítica da razão dialética*. Nela procurou dialogar com o marxismo. Tratando da provocação marxista que o acusam de

incitar as pessoas a permanecerem no imobilismo e no desespero, não permitindo que se rebelassem ou se voltassem contra a dominação. Os marxistas asseveraram que assim todos os caminhos estariam vedados. Pois não teria sentido revoltar-se se a escolha e a responsabilidade pela escolha são inteira responsabilidade do indivíduo. Se a Liberdade dele consiste no direito de escolher isto ou aquilo. Não poderá dirigir a culpa à quem quer que seja. Ele é responsável por aquilo que escolheu e por aquilo que fez de sua vida. Não teria como delegar responsabilidade à burguesia ou à elite dominante. Seria necessário concluir que a ação é totalmente impossível neste mundo.

Sartre rebate as críticas dos marxistas sobre a condição humana e a forma como o homem é lançado ao mundo e com isso não traz consigo nenhuma definição e quaisquer objetivos prioritários. O homem, para Sartre, leva a vida inteira se construindo em um processo interminável em conformidade com suas ações.

As situações históricas variam: o homem pode nascer escravo numa sociedade pagã ou senhor feudal ou proletário. O que não muda é o fato de que para ele é sempre necessário estar no mundo, trabalhar, conviver com os outros mortais (SARTRE, 1973, p.16).

As situações históricas são variáveis e podem mudar a condição do homem. No entanto, ainda assim, não estão intrínsecas naquilo que ele se tornará. Visto que em qualquer condição o humano pode escolher interminavelmente e ao longo dessas escolhas construir sua essência e sua moral. No pressuposto de o ser humano estar condenado à Liberdade. “Escolher isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal” (SARTRE, 1973, p. 6).

Todas as ações que o homem executa são de sua inteira responsabilidade. Pode ter um leque de escolhas a sua frente e sempre poderá optar por aquela que melhor lhe convier. Ou mesmo não optar por nenhuma e ainda assim escolher não escolher. O homem arcará inevitavelmente com as consequências de suas escolhas e não poderá fugir da responsabilidade que recaíra sobre ele a partir delas.

Agora, como conduzir um debate entre alunos para que estes não tomem a crítica pela defesa? É extremamente comum acontecer, ao sugerir a reflexão do tema, do aluno tomar a crítica pela defesa e não fazer as considerações pertinentes ao tema. Ora, para se conduzir um bom combate, há de se fazer uma boa preleção das críticas

dos marxistas e dos católicos (citado no capítulo anterior). Os alunos geralmente precisam de repetição. Por ser um tema um tanto complexo é importante deterem-se em um resgate histórico e conhecerem as teorias marxistas. Proponho apresentá-las em aulas dialógicas, levando-os a desenvolver uma postura investigativa. Por meio da curiosidade, pretendo gerar uma especulação sobre como se desfecha o entrave crítico para somente então ponderar expressamente a defesa n'*O existencialismo é um Humanismo*.

Sob essa perspectiva o texto pode num primeiro momento justificar seu uso em sala de aula por sua própria natureza, ou seja, a de possibilitar uma leitura interativa com os jovens, por conter uma linguagem coloquial e contemporânea Na qual é possível trocar informação com o próprio texto, visto que ele permite a interação durante sua leitura e possibilita ilustrar com exemplos da própria vivência do aluno. O texto é de fácil e rápida leitura.

Ao tratar a temática Liberdade dentro do contexto escolar o uso de fragmentos textuais com consideração sobre a temática é substancial para a boa condução da discussão. Passo agora a examinar com mais atenção determinados momentos da obra.

Vejamos primeiro as críticas dos marxistas e da Igreja Católica que avançam sobre o tema da moral, sob a definição de um problema. É preciso chamar a atenção do discente ao problema a partir de uma relação com ele, isto é, fazer com que o tema “afete” os estudantes. Os conceitos são criados, em princípio, para enfrentar um problema, e só enfrenta um problema quem o vive. Daí a importância de sensibilizá-los para que possam apreender o conceito e que o problema seja vivido como um problema para eles. Trata-se de fazer com que eles vivam sintam “na pele” um problema filosófico a partir de um elemento que se insere no seu cotidiano, isto é, as regras e ditames morais.

Essa primeira etapa poderá ser bem sucedida com o recurso de peças artísticas: uma música, um poema, um quadro, um conto, um filme ou uma tirinha (por exemplo, Mafalda do Quino). Em suma, algo que chame a atenção dos estudantes, sobretudo que fale a própria linguagem que desperte interesse pelo problema.

Sartre em sua obra assevera a condenação humana à Liberdade a partir de uma condição imperativa. O homem não tem qualquer artifício para fugir disso. A finalidade dessa primeira etapa é colocar o aluno sob a condição dessa problemática existencialista. A prerrogativa sartriana, racionalizada como um fim em si mesmo, apresenta-se assim:

Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer (SARTRE, 1973, p. 9).

Aponta-se assim a noção de total responsabilidade por aquilo que a pessoa é, ou seja, o homem é aquilo que ele faz de si mesmo, não o que fizeram dele. Para o existencialista, não há desculpas. Não há Deus ou natureza a quem culpar pelo fracasso ou sucesso. A liberdade é incondicional e é isso que Sartre quer dizer quando afirma que estamos condenados a sermos livres.

Portanto, para um existencialista, o homem é condenado a se fazer humano a cada instante de sua vida pelo conjunto das decisões que adota no dia-a-dia. Essas escolhas estão presentes o tempo todo na vida do aluno que precisa se construir. Presumo que o texto suscite outras indagações, sendo possível iniciar a trajetória dialética pela máxima existencialista: “a existência precede a essência”. Com isso, ele quer dizer que o homem primeiro existe no mundo e depois realiza-se. Define-se por meio de suas ações e pelo que faz com sua vida.

Neste ponto, torna-se imperioso conduzir a discussão em sala para a existência humana dentro da condição existencialista de autoconstrução. Como dito anteriormente, os existencialistas negam que haja algo como uma natureza humana – uma essência universal que cada indivíduo compartilhe –, ou que esta essência fosse um atributo de Deus. Portanto, para um existencialista, não é justo dizer "sou assim porque é da minha natureza" ou "ele é assim porque Deus quer". Ao contrário, se a existência precede a essência, não há nenhuma natureza humana ou Deus que nos defina como seres humanos. Primeiro existimos e só depois constituímos a essência por intermédio de nossas ações no mundo. O existencialismo, desta forma, coloca no homem a total responsabilidade por aquilo que ele é.

A partir dessa prerrogativa o estudante pode ser levado a considerar os ditames sociais como construção e criação cultural humana e repensá-los sobre uma

perspectiva de projeto individual. O projeto de ser humano aflora no aluno como também em quaisquer outras pessoas. E esse afloramento da sua perspectiva de construção humana possibilita explorar os campos da condição humana sobre a égide existencialista/humanista. Colocada a questão da inexistência de Deus na condução do destino do homem, e a condenação humana a Liberdade parte para a problematização da concepção de moral como criação: “o que há em comum entre arte e a moral é que, nos dois casos, nos temos criação e invenção”. (SARTRE, 1973, p.15). Assim transforma-se o tema em problema. Faz com que suscite em cada aluno o desejo de buscar soluções.

CAPÍTULO III

A moral e os ditames sociais: um entrave para a liberdade

Em inúmeras ocasiões as discussões e divagações sobre a existência humana, sua fragilidade e seus estigmas, geram questões que pairam no imaginário e no desejo por um conhecimento mais aprimorado do tema. Os pressupostos lançados por Jean-Paul Sartre no seu texto filosófico, *O existencialismo é um Humanismo*, suscitam invariavelmente curiosidade e complexidade nos alunos quando se indagam ou mesmo são indagados sobre o tema Liberdade. Muito tratado em sala de aula por ser um assunto de suma importância e relevância, para o jovem educando a apresentação do texto sartriano mostra-se uma ferramenta imprescindível quando se trata de teorização conceitual e investigativa da condição humana, por vários aspectos. Dada a necessidade de conhecer e explorar o novo, e o desejo de desfrutar a liberdade de forma mais ampla, considerando sua constância na adolescência. Com isso, a temática da liberdade/consciência/responsabilidade encontra-se intimamente relacionada com esse período da vida humana e constitui um importante eixo de investigação para os interessados nos estudos sobre adolescência. Entretanto, verifica-se que investigações sobre o tema da Liberdade na adolescência são insuficientes. E tal constatação fica ainda mais evidente quando esse assunto é examinado no contexto escolar. Visto que não existem pesquisas que privilegiem a ótica adolescente e, mais especificamente, que sejam fundamentadas em um enfoque psicossocial.

Ao aproximar a discussão do âmbito da educação, nota-se que dois importantes pressupostos são fundamentais para examinar a noção de Liberdade no contexto das tendências educacionais brasileiras. Um deles é a reafirmação de que as práticas pedagógicas refletem, explícita ou implicitamente, uma concepção de Liberdade, consequência da visão de homem que cada uma delas procura transmitir e formar. Acrescenta-se a isso a concepção que ao ser compartilhada no cotidiano por um determinado grupo social, constitui-se em um reflexo vivo de condicionantes históricos, políticos, econômicos e socioculturais vividos por esse mesmo grupo. E sendo assim a liberdade, além de ser entendida como uma manifestação individual,

deve também ser compreendida numa dimensão que inclua o aspecto de coletividade. Nessa perspectiva, a legislação educacional vigente no país, entre 1930 e 1990, vai gradualmente conformando uma concepção de Liberdade enquanto característica natural e comum a todos os homens. E ainda garantida legalmente, já que “todos os homens são livres e iguais perante a lei” (BERTAN, 1994, p.56). Essa concepção de Liberdade, consequência do pensamento liberal, defende a Liberdade e os interesses individuais, fomenta o individualismo nas sociedades baseadas no modo de produção capitalista e alçando-o à condição de paradigma na modernidade. Isso, sem dúvida, tem repercussões de peso nos contextos educativo-escolares e, mais ainda, na forma como os sujeitos que se encontram nesses espaços vivem a sua Liberdade e direcionam suas ações nas escolhas dos princípios norteadores de sua conduta moral. Diante disso é imperativo o uso de um material didático/pedagógico que possa reconduzir a discussão para patamares filosóficos de auxílio na elaboração conceitual do jovem educando. Por carregar uma formação cultural com alto grau de complexidade.

Rotineiramente presenciamos nos meios acadêmicos e principalmente nas escolas de ensino básico e médio a constante discussão sobre a impertinência, petulância e porque não dizer até mesmo truculência dos adolescentes. É diário o enfrentamento de um ou outros, ou mesmo vários ao mesmo tempo, no embate das normas a eles imposta. Muitos dos adolescentes chegam às escolas com uma carga emocional repressora de grande ordem, provavelmente acumulada no seu meio de convivência. Hipoteticamente, isso sugere que o grau de repressão dos anseios do adolescente já se encontra no cerne da convivência familiar, tendo essa como seu primeiro núcleo de integração social, sendo ela responsável pela inserção e interiorização de normas. À primeira vista, destacam-se em sala de aula aqueles alunos impulsivos e que alguns professores rotulam de “esquentadinhos” ou, “espertalhões”.

Encontramos nesses comportamentos algo de assustador: a aversão às regras e normas. Mas quais regras? Quais normas? Ora, em geral o ser humano tem uma tendência natural a querer ser livre e ser autor de sua própria história. Pensemos então no quão difícil será fazer escolhas quando temos de fazê-las e podendo fazê-las será sumariamente muito desconfortável escolher e arcar com a gama de

responsabilidades que tal ação demanda. Pensemos então o quão difícil será cumprilas ou exercê-las quando não nos compete escolher. Ademias as regras e normas são impostas para que nós a cumpramos? Se para um adulto com autonomia e poder de fala (ou mesmo contra argumentação) as escolhas são difíceis e cumprir a regra nem sempre é fácil e prazeroso, pensemos agora nessa mesma condição existencial imposta a um adolescente.

Consideremos, pois, o seguinte dilema estabelecido no interior do comportamento do jovem. Se por um lado é preciso seguir as convenções sociais ditadas por alguém que vive fora de seu corpo e fora de sua mente e por outro tem uma energia interna que exige o tempo todo ser liberada, extravasada; sem encontrar meios para extravasá-la. É vital que isso repouse em algum recôndito íntimo, enquanto aguarda sua liberação. Pensemos então no quanto angustiante é estar num corpo grande, em constante e rápida transformação. As moléculas em constante agitação, os hormônios em total expansão e ao mesmo tempo perceber-se impassível diante do peso do mundo e da sociedade. Diante de um leque de opções que se apresentam aos olhos do adolescente, sem alternativas que possam viabilizar sua Liberdade. E o que é a Liberdade? Se perguntarmos isso a eles, as prováveis respostas serão: Acho que a Liberdade é poder fazer o que quiser a hora que quiser porque cada um tem sua vida e não deve prestar conta dela. Objetiva-se então transformar o acho em “Eu penso”, conduzindo a discussão da Liberdade como geradora de atos e escolhas. Ao efetuar escolhas constrói-se ações morais e princípios que norteiam e constituem sua essência a partir da própria subjetividade.

O existencialismo opõe-se a moral embasada nos mandamentos divinos preconizados a partir da inexistência de Deus. Como então estabelecer a relação intrínseca entre a liberdade e a moral estabelecida? Provavelmente não existe uma dicotomia entre liberdade e moral, visto que as escolhas são subjetivas e individuais, mutuamente intrínsecas. Cada escolha é pessoal e não é passível de deslocamento para outrem. As escolhas seguidas de ideal, de projeto, são fardos nos quais não há escapatória. Pois são escolhidas individualmente em um processo íntimo. Não há como escapar das responsabilidades. Nem das consequências de seus atos. Isso implica a própria vida. É estar vivo. Vivenciar experiências e situações incessantemente. Sob

essa ótica, advém a condição da Liberdade a priori, pressupondo a moral como constructo das escolhas que se processam interior e individualmente. A projeção de atos e escolhas implica um caminho no qual a moral constitui-se, ou seja, cada indivíduo ao construir um caminho, está em conjunto construindo uma moral. Assim não existe uma moral a priori, um mandamento universal segundo Sartre.

O humano escolhe a si e processualmente escolhe toda humanidade. Cria uma imagem para si mesmo e a partir daí projetará seu futuro da maneira como pretende que seja. A projeção da ação implica escolhas como um caminho a ser trilhado no qual vai se constituindo a moral, ou seja, cada humano ao trilhar um caminho está em conjunto construindo uma moral. Assim cada ação executada, como extensão da ideia projetada no mundo, significa uma boa intenção do homem para com a humanidade, sempre deseja o bem. Não haveria possibilidade de optar por uma coisa ruim para si mesmo, quanto mais para as pessoas do lugar onde vive. O que o homem faz é avaliar o que é viável para si mesmo. Engaja-se ao possibilitar que sua escolha se transforme no que quer que a humanidade inteira realize. Evidentemente existem limitações óbvias, impostas por instâncias sociais, porém dada a limitação em determinadas circunstâncias parte-se para alternativas. Tais limitações para Sartre são as propulsoras da Liberdade, permitem que se efetive. De outro modo, a Liberdade não seria concreta e sim algo almejado e jamais alcançado. Os sentimentos provocados por escolhas e suas consequências afetáveis são de inteira responsabilidade humana. Se estiver triste, feliz, cansado, não há a quem atribuir culpa (ou responsabilidade) a não ser a si mesmo.

Considere a perspectiva sartriana, o homem é um ser consciente, o valor é a forma de ser da consciência. Nessa concepção, valor e vontade têm a mesma “estrutura de ser”. Em correlação de valor. Em geral atribui-se àquilo que lhe falta, da mesma forma que se tem vontade daquilo que não se possui. Pois se tem essa coisa não se deseja mais. Para tornar mais elucidativo, posso citar o seguinte exemplo: depois de chuvas extremas, deseja-se o sol; entretanto na hipótese que o sol retorne e brilhe por alguns dias exaustivamente; deseja-se novamente a chuva e o conforto que ela causa. Isso se constitui em valor. Esse exemplo simples estende-se para todos os outros campos. O valor está concomitantemente ligado a uma falta. Uma ausência que

faz com que o homem se mobilize em atos e pensamentos e realize seu desejo, este sendo satisfeito, logo surge um novo desejo, gerando novos valores. A consciência produz novos valores. A falta constitui a própria estrutura da consciência. Supre um desejo e conquista um valor.

A consciência manifesta-se de outra forma, por meio de outros valores. O vazio retorna e novamente lança-se à busca para preenchê-lo novamente, assim que o sentimento de satisfação torna-se frio, evanescente. Portanto, a própria fisionomia do ser da consciência humana, esta impresso no processo constante de escolha, consiste em uma necessidade. Sartre afirma:

O homem se faz, e não está feito de início, ele se faz escolhendo sua moral, e a pressão das circunstâncias é tal que ele não pode escolher uma moral. Definimos o homem apenas por relação de engajamento. Portanto é absurdo objetar-nos a gratuidade da escolha (SARTRE, 1973, p.16)

Nessa perspectiva, pode-se deduzir que parte da estrutura da consciência, os valores, nunca poderá ser absoluta e universal. Mas será sempre criação particular, individual. Sartre diz que é preciso abandonar aquele “espírito de seriedade” (expressão esta usada por Nietzsche) que faz com que tomemos os valores como dado, absolutos, como bons em si mesmos e, portanto, geradores do bem.

Uma moral baseada nesses valores é uma moral de má-fé. Visto que ela é movida por instrumentos orientadores externos, muitas vezes imposta aos indivíduos. Não se pode confiar previamente nelas, sem reflexão. Pois corre-se o risco de estar enganando-se. Desse modo a má fé caracteriza-se como autoengano. É o agir segundo uma imagem abstrata que se recebe de fora, dos outros e não segundo a afirmação do próprio ser, do indivíduo.

De acordo com essa concepção, os valores não são abstratos, transcendentais: nós próprios inventamos nossos valores e isso quer dizer que somos nós mesmos que damos sentido às nossas vidas. Esse sentido é nosso valor: a falta procuramos completar para nossa realização nos vários momentos de nossa existência.

A má-fé é evidentemente uma mentira, pois ela dissimula a total liberdade do engajamento. No mesmo plano, eu direi que há também má-fé se eu escolher declarar que certos valores existem antes de mim; eu estou em contradição comigo mesmo se eu quiser esses valores e, ao mesmo tempo declarar que eles se impõem a mim. (SARTRE P 18 1974)

A ação humana jamais será pautada por mandamento e sim pela decorrência e consequência de suas próprias ações. Elas constituem a sua própria moral. Agir de má-fé é mentir pra si mesmo, visto que a má fé é uma situação que nega a Liberdade. Isso demonstra um desejo de esquivar-se das responsabilidades. Julga ser um estigma do destino ou mesmo de Deus, fadado ao desalento. Viver conformado e pautado pelos fatores externos é limitar-se viver sobreposto a eles.

O único valor para o home é então a realidade de nossa vida. Sem o mundo, sem o ser humano, nunca haveria valor segundo Sartre. As consequências políticas são bastante claras: o “valor universal” é uma abstração irreal usada com a finalidade de manipular as consciências e a realidade humana.

Ao longo da história humana legisladores de todos os tipos cercearam a liberdade humana em nome de um poder absoluto e da exploração. Sua ação sempre foi facilitada pela angústia existencial que o homem sente frente ao nada do nosso ser. E para fugir de tal angústia, aceita de má-fé qualquer identidade externa que seja oferecida pelos moralistas de plantão. No entanto, intimamente sabe-se que essa tranquilidade que se alcança com a identidade social é falaciosa. E é a coragem de abandoná-la que fundamenta as revoltas políticas que visam resgatar a dignidade humana e sua autonomia.

A partir nessa prerrogativa, pode-se agora colocar para os discentes a questão: com base em que valores agimos? Se todos os valores são criações da consciência ou invenção históricas, são igualmente legítimos. Em nome de que valores, por exemplo, as mulheres muçulmanas por usar burca e aceitar uma posição subordinada na sociedade em que vivem podem ser condenadas? Na situação exposta, como julgar o que é certo ou errado? Em quais critérios pode-se nortear a escolha correta? Questões e problemas, assim, instigaram, instigam e continuam sendo debatidos por grandes filósofos e por todos os seres humanos através do tempo.

Conclui-se que a temática aqui apresentada pode nortear e redimensionar a curiosidade do discente para questões sociais que se apresentam cotidianamente na sua prática existencial. Bem como, conduzi-lo para um alargamento dos horizontes culturais que o circundam em franca relação com o que foi desenvolvido durante o processo das aulas. Ao término do processo o discente deverá desenvolver e elaborar

conceitos que elucidem o problema da moral como criação, da liberdade e da responsabilidade, privilegiando os aspectos abordados por Sartre na conferência *O existencialismo é um Humanismo*.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo central elencar alguns aspectos da vida e obra do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre, considerando a relevância de seu texto *O existencialismo é um Humanismo* e sua aplicabilidade para os discentes do Ensino Médio, enquanto arcabouço teórico na conquista do conhecimento e ampliação da consciência crítica. Possibilitando a estes a busca pela compreensão da máxima existencialista “a existência precede a essência” a partir da afirmação sartriana da inexistência de Deus. As considerações aqui apresentadas tentaram fazer jus ao pensamento do filósofo, procurando manter a fidelidade a seus escritos. Bem como demonstrar as possibilidades de elucidação da teoria existencialista na perspectiva da condição humana do ser lançado no mundo, enfatizando a condenação humana à liberdade, a constituição da moral enquanto criação, a responsabilidade e o desalento humano diante da afirmação que ele é um ser de angústia.

O objetivo almejado dá-se por alcançado, o resultado se concretiza na reflexão sobre a prática didático/pedagógica filosoficamente exposta durante a elaboração do trabalho. Na certeza que esse foi de fundamental importância para o crescimento intelectual e aprimoramento do conhecimento. Desejando que possa contribuir significativamente para a melhoria da qualidade do ensino dos discentes e da prática docente.

Finalizo essas reflexões com a convicção de que os discentes busquem reconciliar-se com as partes negligenciadas de sua consciência. Que compreendam o que é fazer escolhas adequadas para a construção de uma existência digna e valorativa, enfatizando a valoração do caráter voltada para a dignidade e autonomia da vida humana, construindo uma moral que possa servir de embasamento para eles e para a humanidade, podendo renascer sob uma nova perspectiva baseada e apoiada nos seus designios mais profundos.

Sartre assegura que o destino do indivíduo é a constatação de que nada existe fora de si que defina sua existência. Assim espera-se que o discente descubra

que o mundo é apenas humano, por sua angustiante, gratuita e absoluta liberdade de decisão e ação. Apenas a sua liberdade nada mais, além disso.

Espero que os discentes possam compreender melhor o ser humano frente à angústia existencial de assumir as responsabilidades que advirão de suas escolhas, identificando os fatores que modelam sua moral e a construindo como criação, comparável a obra de um artesão sábio que a produz a partir do devaneio, da imaginação e subjetividade que inspira e instiga.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOUTINHO, L. D. S. [1964] Sartre: existencialismo e liberdade. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção logos)

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os pensadores)

MEIER, C. Filosofia: Por uma complexidade da inteligência. Volume único: ensino médio / Celito Meier . 2ª edição. Belo Horizonte, MG: PAX Editora e Distribuidora, 2014.

Outras bibliografias

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. Adolescência normal - um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1992 (Original publicado em 1981).

ABERASTURY, A. Adolescência. 5. ed. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1988. (Original publicado em 1980).

BERTAN, L. Aspectos da trajetória do ideal de liberdade na educação brasileira (1930-1990). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.